

## Gerar renda, tecer autonomia...

As histórias de vida das mulheres rurais são grandes exemplos de resistência e teimosia; resistir à opressão e às desigualdades, teimar na construção de um mundo melhor. É assim que as mulheres produtoras rurais organizadas em Empreendimentos Econômicos Solidários – EES e redes vêm reescrevendo suas histórias na região Semiárida da Bahia.

A região é considerada uma das mais pobres do país, onde as desigualdades sociais, políticas, econômicas e culturais afetam principalmente as mulheres rurais. Nesse contexto, os índices de pobreza entre as mulheres são os maiores, se concentrando significativamente entre as mulheres negras, em que no Estado da Bahia são 78% (IPEA, 2011). Segundo dados do IBGE/PNAD (2009), 47,7% das mulheres rurais são consideradas não economicamente ativas. Isso se deve a pouca valorização do trabalho feminino e sua invisibilidade no campo produtivo. Desse modo, as mulheres são expostas às situações mais vulneráveis e de extrema pobreza na região. Dados apresentados pelo IBGE/PNAD (2009) demonstram que 91,8% das mulheres rurais do Nordeste, dispõem de renda mensal inferior a um salário mínimo e 59,5% delas sobrevivem de transferências de renda.

A luta e o protagonismo das organizações de mulheres (MMTR, Rede de Produtoras, Associação de Mulheres, Secretaria de Mulheres dos STTR, Comitês Territoriais de Mulheres) na região têm conseguido avanços significativos no campo da redução da pobreza e consequentemente das desigualdades de gênero. Esse resultado é aferido quando avaliamos a participação e intervenção delas nos espaços de decisão política como as conferências, conselhos, Fóruns e organizações

mistas, em que as propostas de fortalecimento da autonomia feminina são aprovadas e implementadas através de Leis, Políticas Públicas, Programas dos governos Federal, Estadual e ações de outros organismos privados e organizações sociais.

O Projeto: Mulheres em Rede, Tecendo Autonomia, especificamente, contou com o apoio do Ministério do Desenvolvimento Agrário-MDA através do Departamento de Políticas para as Mulheres Rurais e Quilombolas do Programa de Organização Produtiva, que vem beneficiando e garantido direitos das mulheres. O apoio aos EES organizados na Rede de Produtoras da Bahia tem possibilitado a comercialização dos produtos para o Programa Nacional de Alimentação Escolar - PNAE, o Programa de Aquisição de Alimentos - PAA, os mercados locais, feiras e espaços fixos do comércio justo e solidário; acesso a documentação, crédito, assistência técnica.

O fortalecimento da autonomia sociopolítica e econômica das mulheres rurais se reflete também na divisão justa do trabalho doméstico e familiar, onde as mulheres já conseguem se ausentar de suas casas para participar de formação, intercâmbio, espaços sociais, nas organizações produtivas, provando que lugar de mulher é onde elas querem estar. E assim as sertanejas vão desbravando caminhos, conquistando espaços, vencendo a opressão, reescrevendo suas histórias e ressignificando suas vidas. Muitos esforços ainda são necessários para que possamos continuar avançando na construção de uma sociedade com igualdade de oportunidades para homens e mulheres. Um Sertão onde todos e todas sejam sujeitos de suas histórias.

Selma Glória

Coordenadora do Programa de Gênero do MOC

# Bocapiu

contando experiências por um sertão justo



## Mulheres em rede: ampliando espaços e conquistando sonhos

### Expediente

**Realização:** Movimento de Organização Comunitária/MOC - **Coordenação:** Programa de Comunicação do MOC - Kívia Carneiro, Nayara Silva, Rachel Pinto, Zezé Esteves. **Reportagem:** Zezé Esteves - **Fotos:** Zezé Esteves - **Diagramação:** Kívia Carneiro. **Fale Conosco:** MOC - Rua Pontal, nº 61, Cruzeiro, Feira de Santana - Bahia. CEP:44.017.170 - Tel. (75)3322.4444 - fax.(75)3322-4401. e-mail:comunica@moc.org.br.Site:www.moc.org.br.



Apoio



Ministério de  
Desenvolvimento Agrário



PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA

# Ampliando espaços e conquistando sonhos



“Se tiver um sonho não deixe ele morrer. Lute e acredite”, palavras de Maria da Paz Pereira Barreto, integrante do grupo de produção “Arte e Sabor”, do povoado Várzea da Pedra, município de Santa Luz. Anos atrás Maria da Paz, a “Paizinha” como é conhecida, não tinha tanta determinação assim. “Só ficava dentro de casa tomando conta de filhos e não conhecia nada. Tinha parado de estudar com 13 anos, casei aos 14, e depois tive cinco filhos. Perdi um filho no primeiro mês de vida e outro foi assassinado no dia do meu aniversário, no ano 2000, quando ele ia fazer 17 anos. Achei que minha vida tinha acabado. Foi muito difícil e muito sofrido”, relata. Paizinha viu sua vida mudar a partir de 2007 quando resolveu reescrever sua história de outra forma. “Fui convidada a participar de uma reunião do MOC sobre gênero e voltei para casa outra mulher porque percebi que tinha direitos. A partir dessa reunião eu e outras mulheres decidimos formar um grupo de produção



que resgatasse uma antiga cultura da nossa comunidade e das nossas avós que é trabalhar com cipó. As pessoas do grupo e da Rede me deram muita força”, conta.

uma atenção especial, já que a partir da Rede as mulheres já conseguiam adquirir independência financeira e maior autonomia nas suas decisões. Os grupos filiados passaram a participar de projetos, a receber assessoria da equipe técnica do MOC na área de comercialização, com orientações na organização da produção e na busca de novos mercados. Além disso, contou apoio da equipe do Programa de Gênero para aprender como administrar todo este sucesso dentro de casa, pois, a conquista da independência financeira reflete na relação familiar.

## Novos rumos

A vida de Paizinha e de outras mulheres de muitos grupos tomava novos rumos: “Voltei a estudar e me formei junto com dois filhos, mesmo meu marido não aceitando que estudasse nem viajasse, mas meus filhos me apoiaram muito e não desisti”. Enquanto a Rede crescia os grupos diversificavam a produção e a maioria deles passou a comercializar para o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e mercados locais. O marido de Paizinha também foi conscientizado por ela e hoje a apóia em tudo. “Conquistei minha autonomia porque antes dependia totalmente do marido. Não tinha coragem de sair só. Hoje sou uma mulher empoderada e para onde precisar eu vou, porque depois que passei a participar do grupo e da Rede minha vida mudou e para melhor. Quando vejo as fotos da minha formatura e até foto minha com a presidenta Dilma, percebo o quanto conquistei”, conclui Paizinha.

Esta história é apenas uma dentre outras de

muitas mulheres dos grupos, que possuem uma média de 6 a 25 pessoas, com idades entre 18 e 70 anos. Estas mulheres participam de feiras, recebem diversas visitas e convites para participar de eventos e espaços de discussão e participação social. Um dos convites levou representantes da Rede, em 2004, ao Terra Madre, um encontro mundial em Turim, na Itália, que reuniu 5.000 produtores(as), representando 1.200 comunidades de todos os continentes. “Já participamos também na Itália (2010) e no Chile (2011) levando os produtos para divulgação. Hoje a gente participa das feiras Fenagro, Fenearte, Feiras de Agricultura Familiar. Além disso, temos a nossa feira anual, que em 2014 foi a Feira de Economia Feminista e Solidária e aconteceu nos Territórios Portal do Sertão, Sisal e Bacia do Jacuípe”, ressalta Patrícia.

## Ampliando Espaços

Para dar maior visibilidade e proporcionar a comercialização dos produtos dos empreendimentos solidários filiados à Rede, em 2009 foi inaugurada a primeira loja coletiva no centro comercial de Feira de Santana, que hoje recebe o nome de Ciranda das Artes. Em 2011 a experiência foi aplicada no município de Santa Luz com a inauguração da loja Maria Bonita, cuja gestão é feita pela diretoria da Associação do Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais e Agricultoras Familiares de Santa Luz (Antrafas) que tem Paizinha, como vice-presidente. A Rede através da participação em licitações públicas também oferece serviços de Buffet com culinária regional, para eventos.

A história das mulheres que dão vida à Rede de Mulheres Produtoras da Bahia é uma história de luta. Dia após dia segue a vida, segue a luta dessas mulheres guerreiras que são, sobretudo, agentes de transformação. Mulheres brancas, negras, índias, quilombolas, mulheres misturadas. Mulheres de raiz forte que resistem e constroem formas de viver de acordo com seu jeito de ser. Mulheres do Semiárido que ampliam espaços e conquistam sonhos.

## Depoimento



Maria José da Silva Carneiro, professora, Feira de Santana (BA)

“Amo artesanato. O trabalho artesanal tem que ser valorizado porque quando se faz tem a emoção de alguém. Quando compro para presente penso em fazer essa troca de sonho, habilidade, criatividade. Acho que o artesanato representa todo o sentimento de uma pessoa”.

## Os Produtos



Os grupos da área alimentar valorizam os produtos da agricultura familiar e a riqueza da

culinária regional, com alimentos processados artesanalmente pelas mulheres rurais com destaque para: sequilhos, beijos, bolos e biscoitos produzidos com subprodutos da mandioca e as polpas de frutas feitas especialmente com frutos do bioma caatinga, como umbu, cajá, tamarindo e outros. O diferencial dos grupos de artesanato está no respeito à natureza e a cultura local, utilizando como matéria-prima prioritária os produtos agroextrativistas também do bioma caatinga. São confeccionadas bolsas, bijuterias, acessórios para cozinha, cama, mesa e banho, produtos decorativos feitos de palha, fibras de sisal, cipó, dentre outros. Como alternativa para diversificação de produção, diversos são os empreendimentos que atuam em ambos os ramos de produção, com atividades tanto em artesanato quanto na área alimentar.



## Fortalecimento

Para atender às exigências legais de organização jurídica do empreendimento, em março de 2007 foi fundada a Cooperativa da Rede de Produtoras da Bahia (COOPEREDE). Com o fortalecimento da Rede, o Movimento de Organização Comunitária (MOC) buscou contribuir no emponderamento político, social e econômico dessas mulheres, pois as experiências mostraram que a geração de renda merecia